



A MATERIA MEDICA MISIONERA DO IR. PEDRO MONTENEGRO (1710): UM ESTUDO SOBRE AS VIRTUDES DAS PLANTAS MEDICINAIS NATIVAS AMERICANAS

Roberto Poletto¹
Samuel Cristiano Welter²

Resumo

Neste artigo, destacamos o conhecimento que os jesuítas sistematizaram sobre plantas medicinais nativas americanas, baseando-nos no Tratado Materia Medica Misionera, escrita em 1710, pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro. Considerando o grande número de plantas referidas na obra, optamos por apresentar algumas delas – a corticeira, o araçá, a goiaba, o maracujá e o imbé, enfocando as suas aplicações terapêuticas e vinculando-as às características da prática médica setecentista, ainda profundamente marcada pelos princípios hipocrático-galênicos. Ao analisarmos as descrições e ilustrações da obra, procuramos cotejá-las com obras de botânica, etnobotânica e farmacologia atuais e, também, com a distribuição geográfica destas espécies pelas regiões onde se estabeleceram as reduções da Província Jesuítica do Paraguai.

Palavras Chave: Plantas Medicinais, Materia Medica Misionera, Missões Jesuíticas.

Introdução

A catequese dos nativos americanos foi um empreendimento levado a cabo pela Igreja católica e incentivado pelas Coroas europeias, logo após a descoberta de novos territórios na América. As aldeias e as reduções de gentios encontravam-se sob a proteção dos Estados ibéricos³, sendo administradas por algumas ordens religiosas, como a Companhia de Jesus, que se destacou por sua atuação tanto na América portuguesa, quanto na espanhola, especialmente, na Província Jesuítica do Paraguai⁴.

¹ Graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Bolsista PIBIC-CNPq de janeiro de 2010 a julho de 2011. Contato: robertopoletto@hotmail.com Professora Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Cristina Deckmann Fleck.

² Graduando do Curso de Ciências Biológicas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista PIBIC-CNPq. Estagiário do Jardim Botânico de São Leopoldo – RS. Contato: scwelter@gmail.com Professora Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Cristina Deckmann Fleck.

³ Sobre este aspecto, vale lembrar que: “Os jesuítas, no Paraguai, desenvolveram uma atividade missionária cuja característica principal foi a de organizar suas reduções afastadas do convívio com os colonos. Indo ao encontro dos índios, os padres da Província Jesuítica do Paraguai buscavam fixar o indígena sem retirá-lo do seu ambiente natural. Com isso defendiam o selvícola da ganância dos *encomenderos* e, principalmente, correspondiam aos interesses da Coroa espanhola quanto à fixação do território. Os índios reduzidos, dessa forma, não tinham a obrigação de atender aos interesses dos colonos; eram súditos reais a serviço do rei.” (FRANZEN, 1999, p. 229)

⁴ A Província Jesuítica do Paraguai foi criada em 1607, portanto, em um momento posterior ao início do empreendimento missional (em 1549, os jesuítas desembarcaram no Brasil) e englobava um território que atualmente compreende regiões do Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina e Bolívia.

Em sua atuação na América, a Companhia de Jesus não se limitou à conversão dos nativos, tendo aprimorado, experimentado e sistematizado uma gama bastante ampla de conhecimentos científicos. Fruto tanto da formação intelectualizada dos membros da Companhia de Jesus, quanto da nova realidade que encontraram na América, os conhecimentos sistematizados pelos inicianos resultaram, em grande medida, da observação da flora e da fauna nativas⁵.

Quase que simultaneamente aos primeiros relatos sobre a descoberta do novo continente pelos europeus, encontramos aqueles que dão conta da proliferação de epidemias que provocavam elevados índices de mortalidade, sobretudo, entre os indígenas. A maioria dos óbitos era causada por doenças desconhecidas, para as quais os nativos não possuíam anticorpos e nem mesmo remédios eficientes. (BRUXEL, 1987). Os missionários jesuítas, empenhados que estavam em garantir a salvação dos corpos e das almas dos indígenas, buscaram contornar os efeitos das epidemias, aplicando os conhecimentos que possuíam de medicina e de farmácia e realizando algumas experiências com plantas medicinais nativas, já largamente empregadas pelos curandeiros na América⁶.

Neste artigo, destacaremos o conhecimento que os jesuítas possuíam sobre as plantas medicinais, baseando-nos na obra *Materia Medica Misionera*, escrita pelo irmão jesuíta Pedro Montenegro, que ingressou na Companhia de Jesus alguns anos depois de sua chegada à América⁷. A *Materia* foi escrita no alvorecer do século XVIII⁸ e tratava essencialmente das propriedades medicinais, ou como dito pelo próprio autor, de “*las virtudes*” das plantas.

Considerando o grande número de plantas referidas pelo irmão jesuíta em sua obra, optamos por apresentar quatro delas⁹, destacando sua aplicação e vinculando-as às características da prática médica setecentista, profundamente marcada pelos princípios

5 Segundo Daniela Calainho, a falta de médicos profissionais, pelo menos até o século XVIII, o elevado preços das drogas e remédios provenientes de Portugal e do Oriente – sujeitos à deterioração nos navios e portos – determinaram que os jesuítas se voltassem para a flora e fauna nativas e para os saberes curativos dos indígenas. (CALAINHO, 2005).

⁶ De acordo com Fleck (2006), as práticas terapêuticas utilizadas para o tratamento das doenças que acometiam os povos das reduções jesuíticas, eram uma síntese entre as práticas da medicina européia, e as práticas dos indígenas, aspecto que a autora chama de “Medicina experimental”.

⁷ Segundo Furlong, “*Su nombre no aparece entre los que vinieron, siendo ya jesuítas, entre 1690 y 1703. Este hecho parece indicar que había venido por su cuenta y, una vez en América, había ingresado en la Compañía de Jesús, haciendo su noviciado en la ciudad de Córdoba, como era costumbre.*” (FURLONG, 1947, p.66). Sabe-se que antes de ser jesuíta, Montenegro havia tido formação médica, o que torna sua obra ainda mais interessante, já que isto o levava a conciliar a fé com os saberes ligados à medicina oficial.

⁸ Ainda, segundo Furlong (1947), a obra foi escrita originalmente no ano de 1710.

⁹ Na *Materia medica misionera*, Pedro de Montenegro se refere a cada uma das plantas, por um nome comum vigente naquela época. Tendo em vista que estes nomes correspondem, a um grande contingente de espécies, buscaremos identificar as mais relevantes, passíveis de terem sido utilizadas à época.

hipocráticos-galênicos¹⁰. Para tanto, fizemos a análise das descrições e ilustrações que constam na obra, cotejando-as com obras de botânica, etnobotânica e farmacologia atuais, e consideramos, ainda, a distribuição geográfica destas espécies pelas regiões onde se estabeleceram as reduções jesuítico-guaranis¹¹ da Província Jesuítica do Paraguai.

Heloísa Gesteira chama a atenção para os “referenciais de cultura erudita” que fundamentavam o trabalho de sistematização dos saberes e práticas curativas realizado pelos inicianos na América e no Oriente. A obra *Materia Medica* de Montenegro revela esta influência exercida pelos clássicos da medicina, especialmente, a de Dioscórides¹². As “Advertências necessárias” são nitidamente inspiradas em um texto de Mathiolo Senense, escrito sobre a obra do médico grego¹³. Além disso, são citados autores que eram referência obrigatória nos estudos de Medicina na Europa do período, tais como Andrés Laguna e Guillermo Piso¹⁴, o que aponta para a importância que a circulação dos conhecimentos e práticas entre os membros da Companhia de Jesus já havia alcançado naquele período¹⁵.

Sabe-se que a *Materia Medica Misionera* orientou, em grande medida, a prática médica de outros jesuítas, já que alguns deles, como Asperger, Lozano, Dobrizhoffer teriam não apenas feito cópias de seus estudos, como chegaram a produzir novos catálogos e receituários com base em seus experimentos. É preciso considerar que a circulação de cópias destas obras – que, muitas vezes, serviram como manual no tratamento de determinadas doenças – muito favoreceu a difusão dos conhecimentos produzidos por jesuítas, como os sistematizados por Pedro de Montenegro, pelas reduções e colégios da Companhia de Jesus na América. Vale, ainda, ressaltar que muitos membros da Companhia adotavam na América procedimentos de observação da natureza e de experimentação no

10 Teoria médica fundada no pensamento do grego Hipócrates e do romano Galeno. A influência desta teoria perdurou até o século XVIII.

11 As reduções jesuítico-guaranis se estabeleceram na América do Sul, nos territórios que atualmente correspondem ao Brasil, Paraguai e Argentina. No Brasil, abrangeram os Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Mato Grosso do Sul. Na Argentina, ocuparam as Províncias de Misiones e Corrientes. No Paraguai, se estabeleceram na região oriental principalmente. (MAEDER, 1995).

12 O grego Pedâneo Dioscórides foi autor de uma obra referencial intitulada *De materia medica* que está dividida em cinco livros, que descrevem cerca de 600 plantas, 35 fármacos de origem animal e 90 de origem mineral.

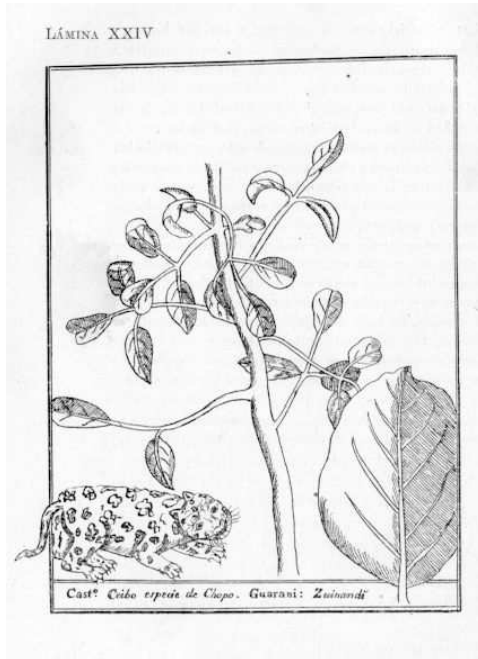
13 Mathiolo Senense foi um dos vários comentadores da obra de Dioscórides durante o século XVI. Estudou na Universidade de Pádua e foi autor de diversos Tratados médicos com destaque para o *De morbi gallici curandi ratione*. Na *Materia Médica*, Montenegro chama a atenção para o “*Modo para recoger las plantas; para su conservacion y duracion, sacado de las obras de Pedro Andres Mathiolo, hechas sobre lo escrito de Dios Corides.*”

14 Piso foi um dos integrantes da comitiva holandesa no Brasil, patrocinada por Mauricio de Nassau e autor da *Historia Naturalis Brasiliae*, uma das referências para a elaboração da *Materia Medica Misionera* de Pedro de Montenegro.

15 Ribeiro destaca o intercâmbio de hábitos e ideias havido entre Europa e América: “Na área médica, a troca de técnicas e conhecimentos ocorreu de modo muito ativo. De um lado para outro se transportavam ingredientes que futuramente fariam parte de apreciadas composições farmacêuticas. A mais destes gêneros, destinados ao preparo das poções, eram conduzidas técnicas, modos de compor e as crenças que esta arte normalmente envolvia.” (RIBEIRO, 1997, p.56-57)

campo da Medicina que estavam em sintonia com os avanços da Ciência na Europa no século XVIII.

Sobre as virtudes das plantas medicinais



Dentre as plantas destacadas por Pedro de Montenegro na *Materia Medica Misionera*, iniciaremos com a popularmente conhecida corticeira ou suína, nome atribuído a várias espécies pertencentes ao gênero botânico *Erythrina* L. (Fabaceae), que conta com cerca de 110 espécies, e que estão dispersas pelas regiões tropicais e subtropicais do planeta (COSTA, 2008), sendo que daremos ênfase às espécies *Erythrina crista-galli* L., *Erythrina falcata* Benth e *Erythrina speciosa* Andrews.

Estas plantas nativas são heliófitas¹⁶, seletivamente higrófilas¹⁷, e têm por características típicas a presença de uma casca espessa, suberosa, recoberta de acúleos, referidos, muitas vezes, como espinhos, além de um comportamento decíduo¹⁸. Elas se desenvolvem em diversos habitats, domínios fitogeográficos e biomas, tais como Mata Atlântica, Amazônia, Cerrado e Pantanal. Sua distribuição geográfica abarca também outros países, sendo alguns deles a Argentina, a Bolívia, o Paraguai, e o Uruguai.

A espécie *Erythrina crista-galli*, conhecida popularmente no Brasil como corticeira-do-banhado, e na Argentina – onde é considerada árvore símbolo – como ceibo, é típica de terrenos pantanosos e regiões de capoeiras, sendo raramente encontrada no interior de mata, com florescimento de setembro a dezembro¹⁹. No Brasil ela ocorre desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul, principalmente ao longo do leito de rios e estuários, da bacia do rio

¹⁶ Planta que se desenvolve exposta ao sol, necessitando de grande quantidade de luz para seu crescimento.

¹⁷ Planta que se desenvolve em locais úmidos.

¹⁸ Plantas com queda foliar no período desfavorável do ano.

¹⁹ Descrever as diferentes espécies, apresentando suas características principais, tais como o meio ambiente típico onde elas ocorrem, a época de floração, além de aspectos de sua morfologia, são relevantes no momento que comparamos estas informações técnicas, com as sumárias descrições apresentadas por Pedro de Montenegro, em sua obra, onde podemos averiguar as diferenças e semelhanças.

Paraná e Uruguai (LORENZI, 2008), além de outros países da América Latina.²⁰ (TROPICOS, 2011)

Já a *Erythrina falcata*, que é conhecida como corticeira-da-serra, corticeira-do-mato, bico-de-papagaio, entre outros nomes, possui flores mais chamativas que a espécie anterior, tornando-se muito exuberante, em detrimento da queda foliar, onde permanecem apenas as flores vermelhas, entre os meses de junho a novembro. Ela é típica de regiões de altitudes entre 500 e 900 metros, se estabelecendo em solos úmidos, na beira de encostas e rios. Distribui-se de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul até o Rio Grande do Sul, no Brasil. (LORENZI, 2008), mas também é encontrada na Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru e Uruguai. (TROPICOS, 2011)

Por fim, a espécie *Erythrina speciosa* Andrews, conhecida como eritrina-candelabro ou mulungu-do-litoral, é uma árvore com inflorescência exuberante em forma de candelabro, por isso o nome comum que lhe é atribuído. Entre as espécies descritas é a de menor altura, típica de regiões litorâneas, em terrenos úmidos e brejosos. Floresce de junho a setembro e ocorre em formações abertas, em nosso país, do Estado do Espírito Santo e Minas Gerais até Santa Catarina (LORENZI, 2008), não havendo registros de sua ocorrência natural em outros países. (TROPICOS, 2011)

Na obra, o jesuíta descreve a corticeira – que lhe é apresentada pelo índio guarani como *Zuinadí* – como uma planta de casca espessa e úmida que cresce em terras pantanosas “... *hallase de ordinario en tierras humedas y pantanosa: florece por Noviembre y Diciembre: sus flores son encarnadas tiran á morado.*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.71). Sabe-se que a planta era empregada no tratamento de feridas externas. A casca, depois de eliminados os acúleos, era esmagada e aplicada sobre as lesões. Com o extrato da casca ou da flor também eram preparados bálsamos, que ficavam guardados nas boticas das reduções, ou eram levados com os missionários, para eventuais emergências.

Ao referir as virtudes medicinais do ceibo, o jesuíta deixa antever a importância que dava à observação da natureza, como se constata no trecho em que o irmão Montenegro diz ter observado que os tigres²¹ que se utilizavam da mesma planta:

[...] y este remedio usa muchas veces el Tigre para refrigerar el ardor de sus uñas envenenadas de gran calor y humedad; el cual subiendose á el araña su corteza profundamente hasta el mismo palo, sajandola como capato azabalado, con lo cual se refrezca, y queda muy lijero para su[s]

²⁰ Convém apresentar a distribuição geográfica das diferentes espécies, para relacionar com a localização das reduções jesuítico-guaranis. Com isso, podemos sustentar a sua possível utilização nas práticas de cura, junto as reduções.

²¹ O que o padre jesuíta Pedro de Montenegro chama de tigre, na verdade, são onças, ambos da família dos felídeos, já que não existiam tigres na América do Sul.

caserías, y pescas: dudo haiga remedio mejor, que cure las heridas y mordeduras, segun lo tengo experimentado.” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.71)

Quanto à utilização da casca de várias espécies de corticeira na atualidade, observamos que tem sido utilizada já há muito tempo pela medicina tradicional, sendo aplicada com diversos fins (MATOS, 2008), assim como o extrato de suas folhas e raízes. (FARIA, 2007). Na bibliografia consultada, encontramos para o gênero *Erythrina* L., várias propriedades, algumas já consagradas, e outras ainda em estudo. A maioria delas faz referência à espécie *Erythrina verna* Vell.²², que ocorre no Estado da Bahia, do Espírito Santo, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Dentre as indicações mais citadas esta seu uso contra ansiedade, insônia, problemas hepáticos, disenteria, dor estomacal, dor de dente, hemorróidas, cistite, infertilidade feminina, bem como para o tratamento de uma série de infecções microbianas e doenças que afetam o aparelho respiratório, tais como, tosse, asma e bronquite, e, ainda, o sistema nervoso (BETANIN, 2008; FARIA, 2007; MATOS, 2008).

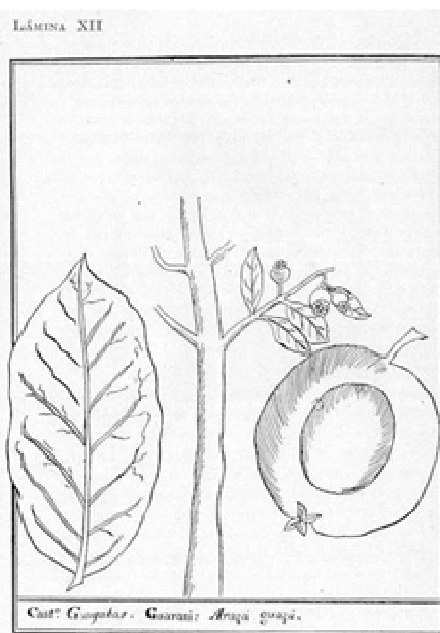
A corticeira-do-banhado é mencionada, muitas vezes, como tóxica, porém a casca parece ser adstringente, cicatrizante de lesões e desobstruente, havendo relatos de seu uso – pelos indígenas – como hipnótico e no tratamento de hepatite e reumatismo. (CORRÊA, 1984). A corticeira-da-serra é utilizada na medicina popular como cicatrizante, bem como para o tratamento de reumatismos, sinusite e sangramentos (SIMÕES, 2005).

As folhas e a casca da eritrina-candelabro têm forte ação sobre o sistema nervoso, sendo usadas como tranqüilizante, sedativo e relaxante. (ALMEIDA, 2011). Estudos recentes apontam para uma ação antimicrobiana do extrato das folhas, aspecto evidenciado através de experimentos feitos em laboratório, nos quais esta espécie apresentou significativa ação contra o protozoário causador da Doença de Chagas (FARIA, 2007).

Na obra que consultamos – a *Matéria Médica*, de 1710 – constatamos que, nas reduções, a corticeira era utilizada no tratamento de doenças ou lesões externas, não havendo ingestão de parte alguma da planta²³. Sendo assim, as referências ao seu uso eficiente no tratamento de feridas externas pelo jesuíta Montenegro se confirmam quando cotejamos com as indicações atuais, que referem suas propriedades anti-sépticas e cicatrizantes, por exemplo.

²² A espécie *Erythrina verna* não ocorre em nenhum dos territórios onde se estabeleceram as reduções jesuítico-guaranis, sendo assim é pouco provável que tenha sido utilizada pelos jesuítas.

²³ Podemos relacionar a utilização desta planta, que se restringe a aplicações externas, com alguns estudos atuais que apontam esta planta como tóxica



Duas outras espécies que mereceram destaque foram o araçá e a goiaba, que trataremos conjuntamente, por serem espécies muito próximas entre si, pertencendo, inclusive ao mesmo gênero botânico, o *Psidium* L., da família das mirtáceas. Este gênero, que conta com cerca de 100 espécies, nativo da região neotropical, ocorre do sul do México até a província de Buenos Aires, na Argentina, incluindo ainda, os arquipélagos de Galápagos²⁴ e Revillagigedo²⁵. (FRANZON et al., 2009).

Dentre as várias espécies, destacamos *Psidium guajava* L., *Psidium australe* Cambess e *Psidium cattleianum* Sabine. Estas duas plantas são típicas de regiões abertas, localizadas

na borda de florestas, principalmente na região sul do Brasil, e de outros Estados brasileiros, ocorrendo nas regiões fitogeográficas dos biomas da Mata Atlântica e do Cerrado. (SOBRAL, 2010).

A *Psidium guajava* L. é a espécie mais conhecida do gênero, em virtude de seus frutos muito saborosos. Ela é uma planta semidecídua²⁶, medindo entre três a seis metros de altura, de casca lisa e avermelhada, que ocorre, principalmente, em formações abertas, de solos úmidos. Possui uma intensa capacidade de distribuição e regeneração, pela intensa disseminação proporcionada, principalmente, pelas aves, que se alimentam de seus frutos, que maturam entre os meses de dezembro a março. Esta espécie se distribui do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, ocorrendo, também, de maneira subespontânea, em quase todo território nacional, e também em outros países. (LORENZI, 2008). Apesar de ser originária da América tropical, sabe-se que se aclimata muito bem no meio subtropical. (GOMES, 2007).

As espécies *Psidium australe* Cambess e *P. cattleianum* Sabine são conhecidas popularmente, e, respectivamente, por araçá-do-campo e araçá-amarelo. Os araçazeiros variam em tamanho, podendo ser encontrados desde arbustos de setenta centímetros até arvoretas de quatro a seis metros. (TASSARA, 1996). Eles produzem frutos muito apreciados, porém de menor tamanho que a goiaba, amadurecendo entre os meses de setembro a março.

²⁴ O Arquipélago de Galápagos situa-se no Oceano Pacífico, a aproximadamente mil quilômetros da costa do Equador.

²⁵ O Arquipélago de Revillagigedo é formado por quatro ilhas vulcânicas, situadas no Oceano Pacífico, a uma distância de aproximadamente duzentos quilômetros ao sul de Cabo San Lucas, no México.

²⁶ Planta que tem queda parcial de suas folhas em determinado período do ano.

O araçá-amarelo é originário do sul do Brasil, e se distribui, do Rio Grande do Sul até a Bahia, e em outros países da América do Sul. Ocorre junto às florestas semidecíduais, matas de galeria e restingas. Já o araçá-do-campo ocorre principalmente ao longo da bacia do rio Uruguai e Paraguai, no norte da Argentina e do Paraguai e também no sul do Brasil, além de ser encontrado no Distrito Federal, Goiás e Minas Gerais.

Os índios guaranis se referem a estas espécies como *arazá-guaçú* e *arazá-mirim*. Elas são descritas pelo irmão jesuíta como árvores que crescem em regiões campestres – “*nacen por las campañas ó campos*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.33) –, que se enchem de frutos, razão pela qual muitos deles caíam após sua maturação. Segundo Montenegro, havia quatro espécies de *Psidium* nas regiões abrangidas pelas missões jesuíticas, as quais ele distingue pelo tamanho, frutos e folhas, sendo dada ênfase maior a duas espécies.

“Hallánse por estas Misiones del Paraná y Uruguay cuatro especies de Arazás, unas grandes de fruto y ojas semejantes á la de la estampa, otras menores de ojas y frutos; pero su arbol es mas alto y mayor, como de seis varas de alto, [...]” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.35).

A goiaba – também chamada *Guayabo mayor* – é descrita como muito abundante, graças a seus frutos saborosos que servem de alimento para muitos animais, inclusive, o homem, que são os seus agentes disseminadores. O araçá – também chamado *Arazá-mirim* – possui porte menor que a anterior, com frutos pequenos, do tamanho de cerejas, de coloração externa amarela, bastante distinta em virtude de suas folhas e de seu porte. É tido como a mais própria para uso medicinal.

Nas reduções, estas plantas eram utilizadas tanto na alimentação, quanto no tratamento de enfermidades. As partes utilizadas como remédio eram os frutos e as flores. Os frutos, depois de descartadas as sementes, eram cozidos e usados no combate às infecções intestinais e estomacais, que causavam diarréias severas, referidas pelo missionário como *disenterias* e *camaras de sangre*. Outra indicação era a ingestão, em jejum, de uma colher de flores maceradas com açúcar, o que teria, segundo Montenegro, os mesmos efeitos da prescrição anterior, colaborando, ainda, na melhoria do apetite. Por fim, também eram feitas conservas, compotas com os frutos, com as mesmas indicações, o que fazia com que tivessem acesso à fruta durante o ano todo.

A minuciosa descrição das plantas feita por Montenegro sugere o rigor com que fazia suas observações e a que faz dos seus usos aponta para conhecimentos ligados à medicina hipocrático-galênica. No início da obra, o autor traz um pequeno capítulo intitulado *Advertências Necessárias*, no qual procura explicar como as plantas eram classificadas através de critérios que se contrapunham, como por exemplo, entre quente e frio, seco e

úmido, destacando, também que poucas eram as plantas que continham apenas uma dessas “qualidades”, o que implicava na necessidade de um conhecimento amplo para a classificação das mesmas.

“Cuatro son las cualidades: calor, frialdad, humedad, y sequedad: en cada uno de estas se cuentan cuatro grados, y los simples de que se trata en este libro tiene de estas cualidades y sus grados en ellas, calientes, humedos, frios y secos, y rara vez se hallará simple de sola una cualidad, si de ordinario complicadas, dos, y á veces tres cualidades en algunos [...]” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.71)

A contraposição entre essas qualidades era uma das características da medicina hipocrático-galênica, que se apoiava principalmente, na ideia do equilíbrio dos humores básicos que seriam quatro: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra²⁷. Para o tratamento de cada doença eram indicados medicamentos e terapêuticas que tivessem virtude contrária à moléstia que se buscava combater. Portanto, no caso de uma doença considerada quente, seu tratamento teria uma base fria, o úmido seria tratado com o seco, e assim por diante. Outra prática de uso corrente e recomendada pela teoria hipocrático-galênica era o uso de clisteres²⁸ que, assim como os demais recursos terapêuticos por ela propostos, possuía caráter extrativo²⁹. Esses clisteres, geralmente, eram compostos a partir de plantas que não eram consideradas excessivamente fortes para uso interno.

Em sua obra, Montenegro chega a afirmar que o *arazá mirim*, era a mais medicinal dentre as variedades existentes. Nota-se que, além de destacar a variação das formas da planta, o autor destaca as diferenças existentes entre as espécies, o que aponta para uma rigorosa observação e experimentação: *“La cuarta especie es la menor de fruto, tambien silvestre, llamala el Indio Arazá miri, es menos fria que las otras tres especies, su arbol es distinto en oja y figura.”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.35) (grifos nossos)

Outro aspecto que nos chamou a atenção é a recomendação feita por Montenegro de que logo após a ingestão do preparado feito com a planta, o paciente ingerisse água ou vinho. A variação na indicação se dava, segundo Montenegro, a partir da necessidade do próprio paciente, pois a água era considerada uma bebida fria, enquanto o vinho apresenta

²⁷ Para uma melhor compreensão dos pressupostos da medicina hipocrático-galênica, recorremos à seguinte caracterização: “Vemos então que, para os *humoralistas*, a saúde é fruto da mistura harmoniosa de qualidades. Desse modo, quando houvesse carência de um dos humores, o paciente manifestaria sintomas correspondente à ausência de algo, tal como tonturas, sensação de vazio, perda de peso, e, quando existisse excesso de algum deles, os sintomas manifestados seriam dores e congestão.” (FREITAS REIS, 2009, p.3)

²⁸ De acordo com o Dicionário Moraes Silva, de 1789, a definição de clister é: “Ajuda, mesinha que se toma pelo ano.” (MORAES SILVA, 1789, p.497) Era, geralmente, uma espécie de lavagem produzida à base de ervas e aplicada por via anal.

²⁹ “Caráter extrativo” é um termo utilizado pelo antropólogo François Laplantine (2002) para determinar as terapêuticas, cuja finalidade era, literalmente, a de “extrair” a doença do corpo. A teoria hipocrático-galênica se caracterizava por práticas essencialmente extrativas, como sangrias, vomitivos e purgativos.

propriedades quentes. As recomendações quanto à ingestão da bebida ficam evidenciadas nesta passagem extraída da obra:

*“La conserba de su fruto quitandole muy bien los huesos ó pepitas es remedio eficaz en confortar las partes principales relajadas, mayormente las que sirven á la coución, así por frio como por calor, **con solo una distincion, que cuando es por frio es menester beber un poco de vino tráz ella, y cuando de calor agua, si se apeteciere, y si no ella sola.**”* (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.37) (grifos nossos)

Pelo que podemos constatar, Montenegro vinculava as plantas às características dos pacientes que, provavelmente, delas se utilizariam. Comparando o *arazá* com o *membrillo*, Montenegro considerava a primeira mais saudável, por não ser tão fria. Chega, inclusive, a afirmar que a constituição física dos nativos justificava o seu uso terapêutico:

“[...] y los estomagos por muy flacos del calor y humedad, apenas admiten el membrillo aún en conserba doy vino tráz ella y poco, por habermelo enseñado la experiencia, que en vez de estancarlas las camaras las aumenta y relaja el estomago” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.37)

Na atualidade, a espécie mais estudada e utilizada é a goiabeira ou *Psidium guajava*, cujas flores e frutos são, especialmente por meio de infusão, empregadas no tratamento de desarranjos intestinais (TASSARA, 1996; SANTAMARIA, 2003), enquanto suas folhas são consideradas adstringentes (NOELLI, 1998). A casca parece ser anti-emética e o cozimento dos frutos imaturos é tido como um bom remédio para o tratamento de infecções bucais. (SANTAMARÍA, 2003)

Matos (2008) refere-se à *Psidium guajava* como a planta mais empregada no tratamento caseiro de diarreias, sendo também utilizada em bochechos e gargarejos no tratamento de infecções orais. Estudos recentes com o extrato do broto da goiabeira revelaram sua ação antibacteriana, justificando assim, seu largo emprego, no tratamento de infecções intestinais.

Existem poucas referências mencionando as propriedades curativas dos araçazeiros. Muitas das propriedades elencadas equivalem às da goiabeira, por serem espécies quimicamente similares. Dentre as propriedades mencionadas estão a anti-diarréica, a cicatrizante de lesões, a antiinflamatória e, ainda, seu uso como fonte riquíssima de vitamina C. (FRANZON, 2009; MENTZ, 1997)

Por fim, as virtudes da planta e seus diversos usos, tanto medicinais, como alimentícios, parecem ter levado o autor a afirmar que foi a própria Divina Providência, que fez com que em terras de tão poucas alternativas houvesse, uma planta de tantos recursos. Essa perspectiva religiosa acerca da natureza ficara ainda mais evidente na próxima planta que analisaremos.



A terceira planta que apresentamos é a flor-da-paixão ou maracujá que, em tupi, significa “alimento em forma de cuia” (CASTRO, 1998). Esta planta pertence ao gênero botânico *Passiflora* L., da família das passifloráceas, que, em sua maioria, são espécies nativas da América tropical (TASSARA, et al 1996), amplamente dispersas também nas regiões subtropicais, havendo cerca de 140 espécies no Brasil. (CERVI, 1997) Dentre elas, destacamos *Passiflora edulis* Sims., *Passiflora caerulea* L. e *Passiflora incarnata* L.

Em geral, são plantas trepadeiras herbáceas ou lenhosas, com presença de gavinhas auxiliares³⁰ que podem ser encontradas junto a áreas de florestas, em zonas semi-sombreadas. (LORENZI, 2008). Dentre as espécies de maracujá, a mais conhecida, e de maior emprego é a *Passiflora edulis*, conhecida popularmente como maracujá-de-suco, em função dos saborosos frutos que produz, e que são comercializados em várias regiões do mundo. Este maracujá é nativo e possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo em quase todos os Estados do Brasil e países vizinhos (CERVI, 1997). Caracteriza-se por ser uma trepadeira muito vigorosa, que se reproduz facilmente em solos úmidos, bem drenados, produzindo frutos amarelados e grandes. (MATOS, 2008). As outras duas espécies citadas são menos conhecidas, apesar de similares quimicamente e morfologicamente a *P. edulis*, apresentam alguns aspectos distintos em sua morfologia.

A *Passiflora caerulea*, em função de sua coloração, é conhecida como maracujá-azul pelos povos tradicionais, possui ampla distribuição geográfica, ocorrendo do Estado Rio Grande do Sul até o Ceará, e também no Mato Grosso e em Goiás. Esta espécie desenvolve-se em áreas de mata, de campo seco, de capoeira e também na margem de rios. (CERVI, 1997).

Já a *Passiflora incarnata*, referida como maracujá-silvestre, segundo Armando Cervi (1997), foi a primeira espécie a encantar os colonizadores, levando muitos cronistas a estabelecerem associações entre ela e a Paixão de Cristo, devido ao formato de sua flor.

³⁰ Estruturas filamentosas utilizadas pela planta para que possa enroscar-se nos suportes.

Sobre esta espécie, sabe-se, que seu uso medicinal, data da época da colonização da América pelos espanhóis, que aprenderam com os aborígenes as suas propriedades e a levaram para a Europa. (MATOS, 2008). É uma trepadeira pouco vigorosa, com flores de coloração branca à rosada, de frutos verdes com polpa branca e folhas fortemente trilobadas, sendo nativa da região entre o sul dos Estados Unidos até a Argentina. (MATOS, 2008).

De acordo com Montenegro, nas reduções eram utilizadas quatro espécies distintas da *flor de la pasion*, diferenciadas pela coloração dos seus frutos: “*hay en este genero cuatro especies, que son: amarillo, encarnada, morada y negra*” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.42), que são facilmente reconhecidas pelas suas folhas e ramas. O maracujá, também referido como *mbaracuyá*, era utilizado tanto na alimentação, quanto para fins medicinais, pois, segundo o Ir. Montenegro, todas as partes da planta tinham uso medicinal, desde os belos frutos e flores até as folhas e raízes. Dentre as propriedades medicinais que foram atribuídas ao maracujá, tanto pelos padres, quanto pelos indígenas guaranis, estavam o combate à infecção urinária, do cálculo renal, da febre e da diarreia, sendo também indicado no tratamento de infecções externas. Já o chá ou a maceração de suas folhas e raízes podiam ser usados no tratamento de feridas, ou então, como calmante.

É importante destacar que a fé e a formação teológica de Pedro de Montenegro se fazem presentes em toda a obra, que foi dedicada à Virgem Maria e traz no prólogo a percepção de seu autor de que Deus era o principal artífice da cura, sendo o conhecimento humano, meramente guiado pelo poder divino.

Tienese por cosa cierta, asi entre los Autores Griegos, como entre los Latinos, q.e el inventor de la medicina fué solo Dios Inmortal, y cierto va fundada en tal razon la tal averiguacion, porque se deja ver, y parece cosa imposible que un hombrecillo bosal, y formando de un poco de lodo, el cual á penas vé lo que tiene delante de los ojos pueda de si mismo comprender, ó alcanzar tantos y tan sublimados misterios, cuantos contiene en si el arte medicinal, [...] luego que formó al hombre conociendo su flaqueza y enfermedades, á las cuales habia de estar sujeto, como Padre piadoso nos enseñó, y cada día nos enseña los remedios para ellas.(MONTENEGRO, [1710], 1945, prólogo)(grifos nossos)

Nas referências que Montenegro faz ao maracujá, além das considerações sobre os graus³¹ de quente ou frio, seco ou úmido e da detalhada descrição que faz da flor da planta, nos chamou a atenção a sua associação à crucificação de Jesus Cristo. Vale lembrar que a associação entre as plantas e o sagrado remonta à Idade Média, período em que uma

³¹ Grau é o termo utilizado por Montenegro para definir a intensidade com que as qualidades manifestavam-se nas plantas analisadas. O nível dessa graduação, utilizada pelo jesuíta, ia de 1 a 4.

determinada espécie podia ser, ora, por suas características físicas³², ora, por sua origem etimológica³³ associada a algum santo ou evento ligado à Igreja Católica. Esse conjunto de crenças que associava as plantas por sua forma física ou nomenclatura ao sagrado ficou conhecido como “teoria das assinaturas”³⁴:

“A coroa floral representava a coroa de espinhos, os três estigmas eram os pregos que o prenderam na cruz, as chagas e os açoites, estavam representadas pelas cinco anteras e as gavinhas e, por fim, o fruto simbolizava o mundo ao qual Cristo deu sua vida. (TASSARA, et al 1996).

A preocupação em destacar a perfeição da flor demonstra o intento de Montenegro de atestar o poder onipotente do Criador, que se fazia presente em todos os lugares, até mesmo, em uma flor:

“Su flor contiene casi los misterios mas sobresalientes de la Pasion de Cristo, que es el atrio, la Coluna, los Clavos las Llagas, Heridas y Cardenales de su Santisimo Cuerpo: la Corona de espinas, los azotes; la soga con que amarraron sus Sacratissimas manos á la Coluna, y si reparamos en sus ramas salen á modo de Cruz sus sarmientos del tronco [...]” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.42)

É importante pensar nos aspectos simbólicos envolvidos nessa comparação, sobretudo, diante do desafio de civilizar e converter os nativos americanos. Tanto é assim que, na sequência da descrição, Montenegro faz menção ao provável motivo para que a dita flor lembrasse tanto a crucificação do Salvador: “[...] cierto, que parece quiso su Autor con criar esta planta obligar á la continua memoria de los misterios de la Pasion de su Santisimo Hijo.” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.42) Ao descrever o fruto desta maneira, Montenegro parece demonstrar muito mais a preocupação em comprovar a presença divina do que suas propriedades medicinais:

“[...]habiendo en su esfera interior seis ternos en todo iguales, los tres sean los que fructifican, y los otros tres esten vacios blancos, lisos y muy tersos, los cuales tiene su raya en medio muy proporcionadamente, que parece nos quiere dár á entender segundo misterio de Trinidad en la tierra, esto es en su corteza, para que nos acordemos de la humanidad de Cristo bien nuestro, y de su Santisima Madre, y de su Putativo Padre, y Patriarca San José.” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.42)

Montenegro, no entanto, não descuidou de associar a *flor de la pasion* às preocupações com a moral, propondo algumas receitas que poderiam ocultar deslizos de comportamento: “[...]las Meretrices ó Mozuelas que hayan caido en flaqueza de carne, ántes

³² Seguem alguns exemplos: “[...] a noz, cuja forma evoca o cérebro humano, serve para o tratamento de perturbações mentais, e as plantas aveludadas, ou com caules ou raízes com aspecto peludo, são boas contra a queda de cabelo...” (LE GOFF, 1984, p. 354)

³³ Segundo Laplantine (2002), a sálvia alcançou grande sucesso terapêutico por sua etimologia (sálvia/ salvar).

³⁴ Durante o Renascimento, a ervanária dos “sinais”, herdeira das velhas teorias herméticas, terá bastante destaque, difundindo a crença de que as plantas curativas são portadoras de marcas que indicam aos homens suas virtudes terapêuticas. (LE GOFF, 1984, p. 353)

de ser casadas [...]” deveriam aplicar uma das receitas indicadas no órgão genital, alguns dias antes do casamento, para assim “[...]pasaren por virgenes en los Desposorios [...]” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.42).

Muitas espécies de maracujás são conhecidas por seu uso medicinal até os dias atuais, sendo aplicadas no tratamento de diversas enfermidades. Seu uso mais referido pela literatura etnofarmacológica é o de calmante e suave indutor do sono, sendo administrado sob a forma de chás, a partir da infusão de suas folhas. (MATOS, 2008; SANTAMARÍA, 2003; CERVI, 1997)

O maracujá-de-suco ou *Passiflora edulis* tem sua principal indicação na forma de refresco, sendo utilizada a polpa do fruto. Além de calmante e suave indutor do sono (MATOS, 2008) é indicado também como antiinflamatório, na cicatrização de lesões (GOMES, 2006), desobstruente, diurético, anti-helmíntico³⁵, antifebril, em irritações do aparelho bronco-pulmonar (CERVI, 1997) e em distúrbios menstruais (MENTZ, 1997; CORRÊA, 1984). De acordo com alguns estudiosos, parece ter ação contra o protozoário causador da malária. (SANTAMARÍA, 2003).

As espécies *Passiflora incarnata* e *P. caerulea* são espécies muito similares, já que ambas possuem os mesmos princípios, sendo utilizadas as folhas e raízes, através da infusão, para as mesmas finalidades, principalmente, no sul do Brasil. Dentre as atribuições, estão as de calmante, sedativa, antiespasmódico, contra cefaléia (MATOS, 2008; SANTAMARÍA, 2003), antitussígenas e contra bronquites. (MENTZ, 1997).



Por fim, a última planta que apresentamos neste artigo é o nativo imbé. Este nome popular é atribuído a uma série de arbustos epífitos³⁶ ou terrestres, pertencentes ao gênero botânico *Philodendron* Schott, que significa “amante das árvores”, em detrimento de seu hábito epífito, da família das aráceas. Cerca de setenta espécies são nativas no Brasil, apresentando grande diversidade nos domínios da região amazônica e da mata atlântica, muitas delas com potencial ornamental, sendo muito utilizadas como matéria prima para o artesanato. (CANSANÇÃO, 2008). Encontram-se descritas para o gênero, aproximadamente quinhentas

³⁵ Refere-se à ação contra os parasitas intestinais.

³⁶ Planta que cresce utilizando outra planta (forófito) como suporte, para obter maior luminosidade, sem utilizar qualquer nutriente da planta hospedeira, diferindo-se, assim, das plantas denominadas parasitas.

espécies, que ocorrem exclusivamente na região neotropical, do México Central até a Argentina, incluindo as Antilhas (GALVÃO, 2005), tendo como limite meridional, o Rio da Prata. (SAKURAGUI, 2001).

Os ímbés podem ocupar distintos habitats, como florestas tropicais úmidas, afloramentos rochosos e, até regiões semi-áridas, formando diferentes núcleos de diversidade. (MAYO, 1988). A maioria se desenvolve sobre árvores, utilizando-se delas como suporte, pendendo suas raízes até o solo, sendo assim denominadas hemi-epífitas primárias. (VALENTE, 2009) A maioria das espécies não ocorre na região sul do Brasil, estendendo-se somente até a região sudeste. Uma das espécies de importância econômica e medicinal, e que alcança, relativamente, maiores patamares de distribuição geográfica, é o *Philodendron bipinnatifidum* Schott ex Endl. (SAKURAGUI, 2010).

Esta espécie é conhecida popularmente como guaimbê, banana-de-morcego, ou, ainda, como bananeira-imbé, pelo fato de sua inflorescência se assemelhar a da bananeira (*Musa* spp.). No Brasil, ela ocorre na região sul, sudeste e nordeste, e também no Estado de Goiás, nas regiões fitogeográficas, dos biomas da mata atlântica, da caatinga e do cerrado (SAKURAGUI, 2010), além de ser encontrada, em outros países da América do Sul, como Argentina, Bolívia e Paraguai. (TROPICOS, 2011). Quando adotam hábito terrestre, estas plantas têm um crescimento muito peculiar, por possuírem várias fases, ocorrendo primeiro de maneira vertical, até certa altura, sendo que, devido ao peso, se inclina, crescendo horizontalmente, para em seguida, voltar a crescer de maneira ereta. Dessa forma, estas plantas se destacam em seu ambiente por, geralmente, formarem grandes aglomerações, denominadas colônias, e por terem grandes folhas compostas, que alcançam 1,5 metros de comprimento.

O Irmão Montenegro refere-se ao guembé como uma das mais belas e ornamentais plantas que habitavam as matas, completando: "*Es hermosa, y muy deleitosa asi á la vista, como su fruto gutoso y medicinal á la naturaleza humana.*" (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 203). Ressalta que pode ser encontrada na América, apenas em ambientes úmidos e quentes, principalmente sobre as árvores, e que deixam suas raízes pendentes alcançarem o chão, obtendo dessa forma seus nutrientes, mas deixa claro, que existem algumas variedades que se desenvolvem apenas no solo.

O jesuíta destaca que o guembé possui folhas recortadas muito grandes, das quais emerge uma flor, denominada espiga, que ao final de quinze dias, desabrocha e revela seu interior de coloração branca, onde se encontram as sementes. Sobre elas, Montenegro informa que a germinação só acontece quando estes grãos passam pelo trato

gastrointestinal dos animais³⁷. Nas reduções, o fruto do guembé era muito utilizado para o tratamento de diversas enfermidades, além do seu largo emprego como matéria prima para o artesanato e para atar arcos, jangadas, instrumentos musicais, bem como para seu uso para amarrar talas. Dessa forma, dentre as virtudes elencadas, podemos enfatizar seu uso como anti-helmíntico, antitussígeno, e, ainda, no tratamento do reumatismo e de problemas ligados à má digestão, devido à propriedade de purgativo, sem falar no seu emprego como antídoto para venenos de diversos animais. Como descrito por Montenegro na *Materia Medica*, para seu uso como anti-helmíntico, eram utilizadas as raízes da planta, depois de queimadas, as cinzas eram ingeridas:

“Las cortezas de sus raices quemadas y hecho cenizas son único remedio para matar las lombrices y gusanos. [...] Dicho remedio arranca el ahito asentado em el estomago, echandolo por abajo, ó vomito médio cuarto de hora despues de tomado, es aprobado remedio.” (MONTENEGRO, [1710], 1945, p. 204)

As pessoas que estivessem resfriadas ou com qualquer outro mal que afetasse as vias respiratórias deveriam ser submetidos a um tratamento feito com as espigas da planta, que eram colocadas sobre brasas, sendo utilizadas, assim na forma de incenso. De acordo com Montenegro, na falta do fruto, as folhas também possuíam propriedades, porém, de menor eficácia. O guembé é descrito como uma planta de características fortes, sendo quente e seco em suas propriedades, que alcançavam o quarto grau. Isso fazia com que sua ingestão recomendasse certos cuidados, posto que os seus princípios ativos poderiam ser prejudiciais ao homem.

Montenegro recomenda que fossem tomados alguns cuidados quando de sua colheita, pois se o guembé fosse colhido no período crescente da lua, ele apresentaria propriedades venenosas. A preocupação demonstrada pelo jesuíta atesta a observância de algumas orientações de larga circulação na Europa e parece demonstrar a influência que a mística religiosa e a astrologia ainda exerciam no século XVIII. Como demonstrou Keith Thomas em sua obra *Religião e o Declínio da Magia*, havia a crença de que o homem, assim como todos os seres, era influenciado pelo movimento dos planetas, razão pela qual deveriam ser observados os momentos mais adequados para a colheita de determinadas ervas e plantas medicinais ou para a aplicação de certas terapêuticas. A descrição que Montenegro faz das influências que os astros exerciam sobre o guembé demonstram claramente essa visão:

Esta planta se conoce ser procreada del Planeta Sol, pues todas sus partes lo están diciendo, como se vé, que en partes algo frias no fructifica, por ser

³⁷ Vale salientar, aqui, a minuciosa observação que os jesuítas faziam da flora e da fauna. Os relatos de Montenegro já vinculavam a germinação de algumas plantas a algum fenômeno, como por exemplo, a passagem pelo trato digestivo de alguns animais.

poco ayudada y fortalecida de él: tiene grandes influencias de Marte, porque es enemiga de los colericos, y atrahe mucho de la tierra con sus raices, por lo mucho que ella r[e]cive de la Luna, y por eso es tan venenosa cojida en creciente de luna. (MONTENEGRO, [1710], 1945, p.204)

A utilização – com fins medicinais – do imbé é recorrente nas populações tradicionais até os dias de hoje, porém a literatura farmacológica alerta que o uso deve ser feito parcimoniosamente, devido ao caráter tóxico de algumas estruturas das espécies, sendo que o contato prolongado com as folhas pode causar irritação da pele, em função do seu caráter cáustico. Algumas espécies do gênero *Philodendron* spp., apresentam atividade bactericida, combatendo os agentes causadores de doenças que acometem os órgãos genitais, além da Doença de Chagas, havendo também registros de seu uso contra picadas de serpentes e de sua ação analgésica. (OTTOPELLI, 2011)

Na literatura etnobotânica consultada, encontramos inúmeras propriedades referidas às espécies de imbés, em especial, da espécie *P. bipinnatifidum*. Entre as indicações, destacamos a anti-reumática, a analgésica, a contraceptiva, contra orquite³⁸, contra hidropisia³⁹, contra parasitos intestinais, sendo também usado no tratamento de úlceras e erisipela⁴⁰, e, ainda, de tratamento de feridas, caracterizando sua ação vulnerária. (MATOS, 2008; VIANNA, 2001; BARROS, 2007; GALVÃO, 2005).

Ao confrontarmos a literatura etnobotânica atual com a obra *Matéria Médica Misionera*, verifica-se que as propriedades terapêuticas do guembé referidas pelo jesuíta no século XVIII são as mesmas que autores contemporâneos apontam. Tanto as obras mais recentes, quanto a do século XVIII alertam, ainda, para a toxicidade que esta espécie pode apresentar e destacam a sua eficácia no tratamento de picadas de animais peçonhentos e na eliminação de parasitas intestinais.

Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos algumas das plantas referidas por Pedro de Montenegro na obra *Materia Medica Misionera – Arazá, Ceibo, Flor de la pasion, Guayaba e Guembé* – a partir das descrições que o jesuíta fez dessas plantas medicinais, das receitas e ilustrações que as acompanham, bem como de indicativos das regiões fitogeográficas em que se desenvolviam. Levando-se em conta a já confirmada utilização de espécies da flora nativa pelos missionários, preferencialmente, de plantas que cresciam nas proximidades das

³⁸ Doença caracterizada pela inflamação dos testículos e que pode estar associada com condições tais como caxumba, gonorréia, doença filarial, sífilis ou tuberculose.

³⁹ Doença causada por acumulação de fluídos no tecido celular.

⁴⁰ Doença caracterizada por uma infecção bacteriana aguda da pele.

reduções, facilitando, dessa forma, o acesso a elas, pudemos constatar que as espécies aqui referidas ocorriam em regiões de florestas – ou muito próximas a elas – e algumas junto às matas ciliares do leito de rios que percorriam as regiões fitogeográficas circunscritas às reduções jesuítico-guaranis.

Pudemos, também, confirmar a forte presença de algumas das concepções européias de Medicina, sobretudo dos princípios hipocrático-galênicos, bem como da forma como os homens viam e se relacionavam com a Natureza na virada do século XVII para o XVIII. A rigorosa observação da natureza americana pelos missionários pode ser constatada tanto em relação aos animais e aos costumes nativos, quanto na escolha da localização para a instalação das missões. Vale lembrar que, seguindo orientações definidas ainda em 1609-1610, os missionários priorizaram a proximidade de regiões florestais, que ofereciam a estas nascentes cristandades, além de proteção, uma série de recursos, tanto para supri-las de alimentos, quanto para o abastecimento das boticas, que deveriam atender os indígenas e os colonos doentes. Não podemos deixar de mencionar, também, a estreita relação que os povos indígenas mantinham com os recursos hídricos, razão pela qual as reduções, em sua maioria, estiveram instaladas próximas a algum rio, comprovando que missionários e caciques definiram, em conjunto, a melhor localização das missões.

A obra que analisamos aponta ainda para as limitações da aplicação da medicina acadêmica oficial na América, determinando a introdução de novos saberes e terapêuticas, para além daqueles que conjugavam uma medicina místico-religiosa com os princípios hipocrático-galênicos. Conscientes de que não podiam atuar, exclusivamente, como médicos de almas, já que isto não garantia a continuidade e o êxito do trabalho apostólico na América, os jesuítas dedicaram-se também em garantir a saúde dos indígenas. Isto explica o grande número de missionários que atuaram como boticários, médicos e enfermeiros ou que elaboraram receituários, tratados médicos e botânicos, nos quais sistematizaram estes novos saberes e práticas científicas resultantes da observação e do experimentalismo.

Quanto aos usos dados às plantas medicinais pelos indígenas e missionários instalados nas reduções durante os séculos XVII e XVIII e na atualidade – por mais que suas propriedades e usos não tenham sido ainda comprovados cientificamente – constata-se que muitas das propriedades medicinais atribuídas a estas espécies nativas na atualidade, já eram conhecidas e indicadas por indígenas e padres no tempo das missões, podendo ser encontrada tanto nos receituários e nos catálogos de medicina e de botânica do Setecentos, quanto nos herbários e boticas existentes nas reduções.

Referências

- ALMEIDA, Emanuel Eustáquio. Caracterização farmacológica das folhas e cascas da espécie *Erythrina speciosa* Andrews. *Revista de biologia e farmácia*, Campina Grande, v. 5, n. 1, p. 34-47, 2011. Disponível em: <http://eduep.uepb.edu.br/biofar/v5n1/caracterizacao_farmacologica_das_folhas_e_cascas_da_especie.pdf> Acesso em: 13 jul. 2011
- BARROS, Francisco M. C. de, Plantas de uso medicinal no município de São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. *Latin American Journal of Pharmacy*, Santa Maria, v. 26, n. 5, p. 652-662, 2007. Disponível em: <http://www.latamjpharm.org/trabajos/26/5/LAJOP_26_5_1_2_B321C1PA89.pdf> Acesso em: 11 jun. 2011.
- BETANIN, Leonildo. Fenologia, frutificação e propagação por estaquia da corticeira-da-serra (*Erythrina falcata* Benth). 81 f. Dissertação (Mestre em Agronomia) – Programa de pós-graduação em agronomia. Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<http://www.upf.br/ppgagro/download/Leonildo.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2011.
- BRUXEL, Arnaldo. Os Trinta Povos Guaranis. 2 ed. Porto Alegre, RS: Nova Dimensão, 1987.
- CALAINHO, Daniela Buono. Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial. *Tempo*, abr. 2005, Rio de Janeiro, n. 19, p. 61-75.
- CANSAÇÃO, IF. Diversidade genética de espécies do gênero *Philodendron*, através do marcador DAF. Resumos do 54º congresso brasileiro de genética, 2008.
- CASTRO, Paulo R. C. Ecofisiologia de fruteiras tropicais. 1 ed. São Paulo, SP: Nobel, 1998.
- CERVI, Armando Carlos. Passifloraceae do Brasil: estudo do gênero *Passiflora* L., subgênero *Passiflora*. *Fontqueria* 45: 1-92. 1997.
- CORRÊA, M. P. Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Vol. I e III. Rio de Janeiro, RJ: Imprensa Nacional, 1984.
- COSTA, Raimunda Alice Coimbra Vieira et al. Fenologia e visitantes florais de *Erythrina crista-galli* L. (Leguminosae: Faboideae) em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Biotemas*, v. 21, n. 2, p. 51-56, junho, 2008. Disponível em: <<http://www.biotemas.ufsc.br/volumes/pdf/volume212/p51a56.pdf>> Acesso em: 11 jun. 2011.
- FARIA, Terezinha de Jesus et al. Alcalóides de flores e folhas de *Erythrina speciosa* Andrews. *Química Nova*, São Paulo, v. 30, n. 3, Mai-Jun, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-40422007000300004&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 13 jul. 2011.
- FLECK, Eliane D. Das místicas as luzes – medicina experimental nas reduções jesuítico-guaranis da Província Jesuítica do Paraguai. *Revista Complutense de História de América*, v.32, 153-178, 2006.
- FRANZEN, Beatriz V. Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): um estudo comparativo. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 1999, 280p.
- FRANZON, Rodrigo Cezar, et al. Araçá do gênero *Psidium*: principais espécies, ocorrências, descrição e usos. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2009.]

- FREITAS REIS, Ivoni. Um mapa da medicina antiga: Entre a cura através dos contrários e a cura através dos semelhantes. *Revista de historia de la medicina y epistemologia medica* (Buenos Aires) Departamento de Humanidades Médicas, v. I, p. 01-14, 2009
- FURLONG, Guillermo. *Medicos Argentinos durante la dominacion hispânica*. Buenos Aires. Huarpes, 1947.
- GALVÃO, Sara Fernandes. Caracterização estrutural dos órgãos vegetativos de *Philodendron imbe* Endl. (Araceae), em Vitória da Conquista – BA. In: ANAIS DA 57ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 2005, Fortaleza, CE, 2005. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo_1538.html>. Acesso em: 14 mai. 2011.
- GESTEIRA, Heloísa Meireles. Manuscritos Médicos e circulação de idéias nas missões jesuíticas na América. *Anais Eletrônicos*. VII Encontro Internacional da ANPHLAC, Campinas, 2006, p. 01-08.
- GOMES, Pimentel. *Fruticultura Brasileira*. 13 ed. São Paulo, SP: Nobel, 2007.
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da Doença*. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LE GOFF, Jacques. *As Doenças têm História*. Lisboa: Terramar, 1984
- LORENZI, Harri. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil*. vol. I. 5.ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2008.
- MAEDER, Ernesto J. A. & GUTIERREZ, Ramon. **Atlas del nordeste argentino**. Resistência: Instituto de investigaciones geohistóricas – Universidad Nacional del Nordeste, 1995.
- MATOS, F. J. Abreu; LORENZI, Harri. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2 ed. Nova Odessa, SP: Instituto plantarum, 2008.
- MAYO, Simon J. Aspectos da evolução e da geografia do gênero *Philodendron* Schott (Araceae). *Acta botanica brasílica*, Feira de Santana, v. 1, n. 2, p. 27-40, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-33061987000300004&script=sci_arttext> Acesso em: 12 ago. 2011.
- MENTZ, L. A. et al. Da flora medicinal do Rio Grande do Sul: notas sobre a obra de D' Ávila (1910). *Caderno de Farmácia*, v.13, n.1, p. 25-48, 1997.
- MONTENEGRO, Pedro. *Matéria Médica Misionera*. Buenos Aires: Edición de la Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 1945.
- NOELLI, Francisco Silva. Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia guarani através de informações históricas. *Revista Diálogos DHI\UEM*, n. 2, p. 177-199, 1998 .
- OTTOBELLI, Ivonei et al. Estudo químico de duas plantas medicinais da Amazônia: *Philodendron scrabum* K. Krause (araceae) e *Vatairea guianensis* aubl. (fabaceae). *Acta Amazônica*, v. 41, n. 3, p. 393-400, 2011. Disponível em: <<http://acta.inpa.gov.br/fasciculos/41-3/PDF/v41n3a09.pdf>> Acesso em: 01 ago. 2011.
- RIBEIRO, M. M. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. SP: Hucitec, 1997.
- SAKURAGUI, C.M., Soares, M.L. 2010. *Philodendron* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/FB005015>).
- SAKURAGUI, C. M., et al. Biogeografia de *Philodendron* seção *Calostigma* (Schott) Pfeiffer (Araceae) no Brasil. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 23, n. 2, p. 561-569, 2001.

- Disponível em:<
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciBiolSci/article/view/2714/2033>>. Acesso em: 15 jun. 2011.
- SANTAMARÍA, Daniel J. Archivo de plantas medicinales de zonas aborígenes y campesinas de sudamérica. 1 ed. Jujuy: Centro de Estudios Indígenas y Coloniales, 2003.
- SILVA, Antonio Moraes. Dicionário da língua portuguesa - recompilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- SIMÕES, C. M. O. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: análise comparativa entre o conhecimento original e atual sobre as plantas medicinais nativa. Pesquisas: Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/a15.pdf>> Acesso em: < 13 jul. 2011.
- SOBRAL, M., Proença, C., Souza, M., Mazine, F., Lucas, E. Myrtaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2010. Disponível em:< <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2010/>>. Acesso em: 18 jul. 2011.
- TASSARA, Helena. Frutas no Brasil. 1 ed. São Paulo, SP: Empresa das Artes, 1996.
- THOMAS, Keith. Religião e o Declínio da Magia. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1991, 724p.
- TROPICOS, Tropicos.org. Missouri Botanical Garden. Disponível em:< www.tropicos.org> Acesso em: 05 jul. 2011.
- VALENTE, Thiago Piazzetta. Subsídios ao uso sustentável do cipó-preto – raízes de *Philodendron corcovadense* Kunth (Araceae). 115 f. Dissertação (Mestre em Ciências Agrárias) – Programa de pós-graduação em agronomia. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2009. Disponível em: < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=160491> Acesso em: 15 ago. 2011.
- VIANNA, Wânia de Oliveira et al., Anatomia da raiz escora de *Philodendron bipinnatifidum* Schott (Araceae). Acta Botânica Brasileira, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 313-320, 2001. Disponível em:< <http://acta.inpa.gov.br/fasciculos/41-3/PDF/v41n3a09.pdf>> Acesso em: 12 mar. 2011.